

É HORA DE AGIR

RUI RIO



DECLARAÇÃO DE CANDIDATURA À PRESIDÊNCIA DO PARTIDO SOCIAL DEMOCRATA

No passado recente, foi-me, por duas vezes, feito um apelo no sentido de me candidatar à presidência do Partido Social Democrata.

Primeiro, nas eleições internas de 2008 e depois, uma segunda vez, nas de 2010.

Seria normal, no quadro de valores pelo qual se tem vindo a reger a política em Portugal, que eu, nessa altura, tivesse aceite o desafio, perante o significativo apoio de que dispunha.

Só que, na política, como na vida, palavra dada deve ser palavra honrada. E quem, como eu, tinha pedido ao eleitorado da sua cidade para lhe dar o seu voto, em circunstância alguma deve trair quem em si confia.

E, se da primeira vez, isso era já inquestionável pelos mais elementares princípios éticos, na segunda, logo depois de umas eleições autárquicas em que eu afirmei perentoriamente que estaria “com os dois pés no Porto”, reafirmo que abandonar quem em mim confiou não faz, nem nunca fará, parte do meu código de conduta.

Se há coisa de que, hoje, a política precisa em Portugal, é justamente de um banho de ética. Não pode valer tudo. Antes do mais têm de vir os princípios e os valores. Por isso, eu jamais me poderia ter candidatado ao que quer que fosse sem antes cumprir a minha palavra até ao último momento.

Fazer o contrário, era feio! Muito feio. Era utilizar o Porto, que tanto respeito, como trampolim para estratégias pessoais. Era, na minha forma de estar na política, defraudar princípios básicos das regras democráticas.

E se, nos corredores da política, há muitos que discordam da opção que então tomei, estou seguro que o povo entende, como ninguém, a linguagem do cumprimento da palavra dada.

Acresce que, nessa altura, o PSD vivia momentos de relativa normalidade. Normalidade não quer dizer facilidade, mas significa que não estávamos numa situação de crise.

Hoje, a situação é diferente.

Hoje - temos de o dizer com frontalidade - o PSD está numa situação particularmente difícil. Uma situação que se não for, desde já, combatida, pode conduzir o partido para

É HORA DE AGIR

RUI RIO



um patamar de menor relevância no quadro político nacional, a exemplo do que já aconteceu com grandes partidos de referência noutros países da Europa.

Mas, hoje, a situação também é diferente, porque, hoje, eu não tenho a minha palavra, eticamente presa a qualquer compromisso. Posso decidir livremente.

E, se no tempo próprio, estava com os dois pés no Porto, hoje estou disponível, neste tempo próprio, para estar com os dois pés no PSD e no País.

Decidi, por isso, ser candidato a presidente do Partido Social Democrata, nas próximas eleições internas de janeiro.

Tudo na vida tem o seu tempo. Hoje, o meu tempo, é o tempo de me dedicar a servir o PSD, num dos momentos mais difíceis da sua história.

Seria bem mais cómodo do ponto de vista pessoal, familiar ou profissional não responder afirmativamente aos apelos que me fazem. Mas, como sempre pensei, sempre disse, e sempre fiz, eu jamais defraudaria a esperança que tantos em mim depositam.

Por isso, aqui estou. Pronto para cumprir o meu dever de português e pronto para a batalha que todos temos de travar por um PSD forte - pelo PSD que Portugal tanto precisa.

Este é também o momento certo para aqui firmar uma palavra de respeito, de consideração e de gratidão ao Dr. Pedro Passos Coelho, pelos serviços que prestou ao Partido e ao País.

A gratidão é dos valores éticos mais relevantes da nossa convivência social. Sem ela, o mundo é uma selva que não conhece a solidariedade. Nós não podemos esquecer quem nos ajudou e quem, por nós, trabalhou.

Comigo a presidente, o PSD não se esquecerá de Pedro Passos Coelho, nem de todos os demais que de forma correta, leal e altruísta, serviram o partido ao longo dos tempos. É este o exemplo que queremos dar à sociedade portuguesa em geral e ao sistema partidário em particular.

Por isso, quero que fique, desde já, bem claro, que num PSD por mim presidido, não há ruturas geracionais. Todos somos importantes. Os mais velhos pela sua experiência, pelo seu saber e pelo respeito e gratidão que nos merecem. Os mais jovens, pela dinâmica,

É HORA DE AGIR

RUI RIO



pela ambição e pela criatividade que nos trazem. São os mais jovens, que, com o apoio dos mais velhos, constroem, no presente, um futuro melhor para eles próprios.

Só assim, em plena harmonia com a suas raízes culturais e com o seu saber acumulado, é que uma sociedade pode prosperar e assegurar um futuro melhor para todos. Para todos, sem exceção.

Não queremos um país dos novos contra os velhos, dos do interior contra os do litoral, dos do norte contra os do sul ou dos funcionários públicos contra os trabalhadores do setor privado.

Somos todos portugueses e temos todos o direito à igualdade de oportunidades, à solidariedade social, à tolerância e, acima de tudo, à liberdade. São estes os valores da social-democracia, os valores primeiros que, no nosso quadro ideológico, o Estado, a todos, tem de garantir.

Somos sociais-democratas! O PSD não é um partido da direita. O PSD que Sá Carneiro, Francisco Balsemão, e tantos outros, fundaram - com raízes profundas na nossa classe média e transversal a toda a sociedade - é um partido do centro; que vai do centro direita ao centro esquerda. Não é um partido de direita, tal como alguns o têm tentado caracterizar. Não é, nem nunca será.

Temos todos consciência de que chegamos a um ponto em que o distanciamento entre a política e os portugueses é enorme. Um distanciamento provocado pelo facto de a sociedade ter mudado muito e depressa e o regime não ter revelado a imprescindível flexibilidade para acompanhar essa evolução.

No quadro desta realidade, os partidos políticos são, talvez, a instituição que tem a sua credibilidade mais afetada. Mas, sendo os partidos um pilar fundamental da nossa vida democrática, não me conformo que se possa aceitar passivamente esta situação.

Urge dar uma resposta política capaz de defender e revitalizar a democracia. A democracia para o ser na substância, e não apenas nos seus formalismos, exige partidos políticos pujantes, credíveis e plenamente entrosados com a sociedade que visam servir. Mas, tal só será possível se, conseqüentemente, tiverem, ao seu serviço, agentes políticos sérios, capazes e coerentes.

Tal como os demais, o Partido Social Democrata também não escapou a esta tendência que se tem vindo a acentuar, saltando à evidência o seu desgaste perante a sociedade portuguesa.

É HORA DE AGIR

RUI RIO



Candidato-me a Presidente do PSD com a noção muito clara de que o partido tem de definir um novo rumo, que leve ao renascer do contrato de confiança que, ao longo da sua história, sempre soube manter com os portugueses.

Temos de prosseguir um caminho que abra o partido à sociedade e que consiga atrair à militância ativa não só os jovens quadros de valor que hoje existem em Portugal, como também o povo anónimo que é, acima de tudo e de todos, o mais lídimo intérprete da forma de ser português.

A abertura à sociedade significa um diálogo permanente com todos, mas implica referenciarmos, com particular cuidado, os sectores mais jovens, mais dinâmicos e mais modernizadores de Portugal; sejam eles empresariais, científicos, sociais ou culturais.

O País não se pode deixar hipnotizar por uma conjuntura económica, que - por contrastar, pela positiva, com a profunda crise que recentemente atravessámos - tende a nos iludir quanto ao futuro. Mais do que gerir o presente ou lamentar o passado, Portugal tem de se preparar para o futuro.

Seguir este caminho, significa olhar de frente as alterações estruturais que o País tem de fazer para assegurar a sua competitividade no espaço global. Significa, também, ganhar uma margem sustentável para distribuir a riqueza de forma mais justa, e ser social e territorialmente mais coeso.

Não podemos estar apenas preparados para navegar com mar calmo e ventos favoráveis. O tempo maior da História de Portugal foi justamente quando tivemos a capacidade e a grandeza de navegar contra ventos e marés.

Temos de ser capazes de construir a robustez estrutural de que necessitamos, para que o País tenha uma adequada capacidade de resposta às tempestades que sabemos que, ciclicamente, sempre acontecem.

Temos, por isso, de mudar de política. Temos de olhar mais para o futuro do que para o presente.

Em harmonia com a sua história, é urgente que o PSD esteja capaz de ser o agente dessa mudança. Mas só o seremos para Portugal se o formos no nosso seio.

Só um PSD com novas formas de funcionamento, bem mais perto das pessoas, mais aberto à sociedade e umbilicalmente ligado ao quotidiano dos portugueses, é que pode voltar a ser a força política liderante, capaz de levar Portugal a ultrapassar os

É HORA DE AGIR

RUI RIO



constrangimentos estruturais que o condicionam; e que, pelas contradições que em si encerra, esta coligação parlamentar que hoje nos governa, jamais será capaz de o fazer.

Como disse, tem de haver um tempo para tudo. A situação em que o partido e o País se encontram não admite que baixemos os braços, nem é compaginável com a desmoralização ou com o abandono da militância; mas muito menos o é, com a entrega passiva da liderança a outras forças partidárias.

Bem pelo contrário: O PSD é um partido de poder, não é muleta do poder.

Por isso, esta é a hora! A hora de cerrar fileiras, de olhar para o futuro e de rasgar horizontes. É A HORA DE AGIR!

Podemos estar enganados, mas não podemos estar inativos.

É por entender que Portugal precisa de um PPD forte e renovado à imagem da sua honrosa história - e por ter plena consciência de que tenho condições para liderar este projeto - que tomei a decisão que agora anuncio.

Para o PSD, este será o primeiro dia da sua caminhada para a reconciliação com os portugueses. Mas para Portugal, este terá de ser, acima de tudo, o principio do fim desta coligação parlamentar que hoje, periclitantemente, nos governa.

Conto com todos. Podem, todos, contar comigo.

Muito obrigado.

Aveiro, 11 de outubro de 2017